

ANDREIA DUCCI TONINELO

A DANÇA DE SALÃO COMO UMA PROPOSTA
DE ATIVIDADE FÍSICA PARA PORTADORES
DE DEFICIÊNCIA VISUAL

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1994

ANDREIA DUCCI TONINELO

A DANÇA DE SALÃO COMO UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE FÍSICA
PARA PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL

Monografia apresentada como
requisito parcial para a conclusão do
curso de Graduação de Licenciatura
em Educação Física, do
Departamento de Educação Física, do
Setor de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Ruth Eugênia Amarante Cidade e Souza

SUMÁRIO

RESUMO	V
1.0.INTRODUÇÃO	01
1.1.APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	01
1.2.JUSTIFICATIVA.....	01
1.3.OBJETIVOS.....	02
2.0.REVISÃO DE LITERATURA	03
2.1.BENEFÍCIOS DA DANÇA DE SALÃO.....	04
2.1.1. Valor Físico.....	04
2.1.2. Valor Moral.....	05
2.1.3. Valor Mental.....	06
2.1.4. Valor Social.....	06
2.1.5. Valor Cultural.....	07
2.1.6. Valor Recreativo.....	07
2.1.7. Valor Terapêutico da Dança e da Música.....	08
2.2.TIPOS DE DANÇA.....	10
2.2.1. Danças Latinas.....	10
2.2.2. Danças Tradicionais.....	11
2.2.3. Danças Gauchescas.....	13

2.2.4.Danças Populares da Época.....	15
2.3.O DEFICIENTE VISUAL.....	16
2.3.1.Histórico.....	16
2.3.2.A Importância da Estimulação Precoce.....	18
2.3.3.A Família.....	20
2.3.4.Definição e Classificação da Deficiência Visual.....	21
2.3.5.Causas da Deficiência Visual.....	23
2.3.6.Defasagens dentro da Área Motora, Cognitiva e Sócio-Afetiva.....	24
3.0.DANÇA DE SALÃO COMO MEIO DE ATIVIDADE PARA O DEFICIENTE VISUAL.....	25
4.0.CONCLUSÃO.....	29
5.0.RECOMENDAÇÕES.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

RESUMO

Este ensaio científico visa através de um embasamento teórico criar uma recomendação da atividade física dança de salão para portadores de deficiência visual, para que profissionais ou acadêmicos interessados por esta área, tenham um conhecimento de como trabalhar com portadores deste tipo de deficiência. Este ensaio fundamentou-se em consultas bibliográficas e entrevistas de apoio. Para uma melhor compreensão o mesmo foi dividido em três partes. Na primeira parte falou-se sobre a dança de salão de modo geral, uma vez que são poucos os trabalhos e estudos acerca do assunto. A segunda parte abordou-se a deficiência visual e por fim foi feita uma correlação entre dança de salão e o deficiente visual. Após o término do estudo, chegou-se a conclusão de que a dança de salão é uma atividade que irá resgatar a auto-estima do deficiente visual fazendo com que ele sinta prazer em praticar este tipo de atividade e conseqüentemente desenvolva suas capacidades motoras. Cabe aos profissionais que trabalham com portadores de deficiência visual implantar em suas aulas esta atividade, para isto criou-se uma recomendação de como ministrar este tipo de aula.

1.0.INTRODUÇÃO

O ser humano necessita da consciência corporal, através da qual ele entrará em harmonia com seu corpo e terá mais conhecimento e afinidades consigo próprio. Afinal um corpo não é uma máquina.

A dança é uma das raras atividades humanas onde o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração. Através dela, qualquer pessoa, seja ela portadora de deficiência ou não irá expressar-se, demonstrando com isto que seu corpo é capaz de executar inúmeros tipos de movimento.

“A dança e o movimento, encarado no criativo que todos temos, ajudam a uma profilaxia terapêutica que deveríamos realizar diariamente. É tal a nossa necessidade de utilizar o corpo, que mesmo pessoas totalmente impossibilitadas podem pelo influxo do movimento dado, mobilizá-lo”.(FUX, 1983, p.115)

1.1.PROBLEMA

“O cego é perfeitamente capaz, a partir do momento que acredite nisso, e que se sinta confiante e seguro”.(OSIECKI e outros, 1988, p.01)

Ao portador de deficiência visual, evidencia-se a necessidade de uma atividade física, que venha a contribuir na estimulação do desenvolvimento das habilidades motoras, para seu bem estar físico e psíquico e também para o conhecimento do seu corpo que lhe é desconhecido.

De que forma seria possível desenvolver atividade física dança de salão para pessoas que já nasceram com a deficiência visual; ou seja, não tiveram contato com nenhum tipo de dança?

1.2.JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se principalmente pelo fato de que a área da atividade física para pessoas portadoras de deficiência, ainda é muito carente no que diz respeito a pesquisas, embora atualmente existam um maior número de pessoas interessados nesta área.

Além disso, deve-se salientar que os profissionais da área mesmo interessados em trabalhar a dança de salão para pessoas portadoras de deficiência visual, encontram dificuldades de embasamento teórico sobre sua prática, com isto evidencia-se a necessidade de se criar uma recomendação de dança de salão para pessoas portadoras de deficiência visual para que interessados em desenvolver este tipo de atividade tenham um embasamento teórico e através da prática visualizem se o mesmo é coerente ou não.

Através da dança pode-se explorar o movimento e conseqüentemente este tornasse-á um recurso motor.

1.3.OBJETIVOS

1)Analisar os valores físicos, mentais, morais, sociais, culturais, recreativo e terapêutico da dança de salão.

2)Relacionar os ritmos que provavelmente são mais conhecidos na cidade de Curitiba.

3)Analisar a deficiência visual, verificando sua classificação, causas e defasagens que a mesma irá provocar dentro das áreas motoras, cognitivas, sócio-afetivas.

4)Verificar a aplicabilidade da dança de salão como meio de atividade física para o deficiente visual.

2.0.REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com OSSONA (1988, p.65), durante o reinado de Luís XIV, os dançarinos começaram a ficar aborrecidos em executar as mesmas danças sempre de forma idêntica. Eles necessitavam de alguma mudança que resgatasse o interesse por esta atividade de suma vitalidade nos palácios.

Durante o carnaval, começaram a ser realizado os bailes de máscaras (**Bals Masqués**), onde esta diversão era iniciada a partir da meia-noite, quando as portas eram abertas para quem não houvesse sido convidado e ali todos protegidos pelo anonimato, faziam-se donos da festa.

Segundo OSSONA (1988, p.65) já durante o reinado de Luís XV, os bailes de máscara aconteciam em todas as épocas do ano. Com o passar do tempo, eles passaram a ser realizados no teatro da Ópera, três vezes por semana e teria acesso ao baile aquele que pagasse sua entrada. O primeiro destes acontecimentos ocorreu no dia 31 de dezembro de 1715.

Nos bailes públicos, era dada a oportunidade de se executar as mesmas coreografias que até então apenas um grupo reduzido tinha acesso. Homens e mulheres executavam os últimos movimentos da moda, ao ritmo das músicas de recente aparição. Este tipo de baile era realizado por humildes e pessoas de porte, ao mesmo tempo.

Segundo OSSONA(1988, p.66) “os empresários comerciais compreenderam de imediato o negócio de abrir salões de baile, e só na cidade de Paris instalaram-se 684 deles, que para maior atração mudavam as decorações da noite para a manhã e competiam em toda a classe de excentricidades. [...] Era necessário inovar para que o público pagasse sua entrada.”

Os bailes deixaram de ser algo espontâneo para tornarem-se mercadoria, onde a clientela pagava para obter a diversão.

Até finalizar o século XIX, valsa, **shottisches**, polcas, mazurcas e lanceiros forão-se sucedendo. A moda foi mudada de forma acelerada, até que o maxixe, o **cake-walk**, tango, **foxtrote**, **charleston** e outras formas do afro-americano do norte ou do latino sucederam-se com curta rapidez.

Segundo OSSONA (1988, p.67) “a dança que as ‘coristas’ representavam, limitou-se a um desfile de belas mulheres ricamente despidas, movendo-se em longas filas onde todas repetiam os mesmos movimentos, os quais foram extraídos do cançã e do **cake-walk**”.

O cançã, segundo os cronistas da época era considerado como a dança de uma pessoa fantoche onde os executantes, sem descanso e sem apresentar um cansaço, levantavam as pernas como se as mesmas tivessem sido *separadas* de seu corpo.

2.1.BENEFÍCIOS DA DANÇA DE SALÃO

Segundo GIFFONI (1973, p.13) “a contribuição da dança é preciosa e por certos aspectos, insubstituível”. A dança de salão pode contribuir para a melhoria dentro da área física, moral, mental, social, cultural, recreativa e terapêutica, tornando-se desta forma uma atividade física completa.

2.1.1.VALOR FÍSICO

É através dos movimentos realizados pela dança que o corpo se expressa; através de movimentos como flexão, levantar, inclinar, curvar, enfim inúmeros movimentos onde a pessoa pode desfrutar de todas as possibilidades de movimento que é dada pelo seu corpo.

A dança de salão proporciona ao indivíduo uma melhora na capacidade

aeróbica, como verifica-se nos resultados obtidos no trabalho realizado por DOMAKOSKI (1992 citado por NOGUEIRA, 1992, p.27), com universitários que foram submetidos a programas das atividades aeróbicas diferentes.

GIFFONI (1973, p.13) ao abordar sobre o valor físico da dança, mostra que pela sua forma de exercício completo, esta atividade melhora inúmeras funções orgânicas, colaborando para a agilidade, flexibilidade e elasticidade dos movimentos, pois a mesma faz com que o praticante execute saltos, giros, corridas, movimentos e passos variados e complexos, permitindo que se gaste uma grande energia sem que sua fisionomia demonstre. A autora prossegue dizendo que a dança pode ser empregada para correção da má postura bem como para compensar determinados segmentos do corpo devido a algumas atividades profissionais que obriguem determinada posição de forma exagerada. Outro fator no qual a dança pode contribuir é na coordenação neuromuscular, pois são solicitados pés, pernas, braços, mãos, tronco, cabeça, em atuação simultânea, por vezes realizados de forma assimétrica ou oposta.

NOGUEIRA (1992, p.26) em seu trabalho sobre a dança de salão como agente eficiente na melhora da capacidade aeróbica ou consumo máximo de oxigênio - VO₂ máximo, conclui que a dança de salão, é uma alternativa de trabalho aeróbico, mesmo que de baixa intensidade.

Segundo BILLIO (e outros, 1980, p.16) “a dança é vista como uma forma de liberar energias, onde os jovens a usam de maneira socialmente aceitável”.

2.1.2.VALOR MORAL

GIFFONI (1973, p.14) ao abordar sobre o valor moral da dança mostra que “dentre as qualidades morais que a dança incentiva e aperfeiçoa” encontra-se o domínio de si mesmo, o entusiasmo, o senso de responsabilidade (que se traduz

no desejo de executar corretamente o movimento ou passo), a iniciativa (ligada a participação ativa do executante a todo momento), a perseverança, o cavalheirismo, o senso de ordem e o companheirismo que está presente em toda a dança, levado por um desejo de sucesso de todo o grupo, onde o auxílio muito se faz indispensável.

2.1.3. VALOR MENTAL

Para WELLS (1983, p.10) “... o movimento terá sempre um sentido, assegurando a participação da mente e da imaginação, evitando assim a dispersão e a falta do poder de concentração.”

Segundo FUX (1983, p.46) a partir do momento em que se recebe a impressão de um reconhecimento vivo do corpo durante a hora da dança com ou sem música, é que será desenvolvido suas idéias e é dado vôo à sua imaginação; e isto se traduzirá em alegria sobre o espaço.

Deve-se deixar o aluno criar e se expressar, desta forma o professor pode fazer do aluno um ser criativo e com expressão individual.

2.1.4. VALOR SOCIAL

“Sobretudo quando realizada em conjunto a dança favorece as tendências sociais, as relações pessoais”. (GIFFONI, 1973, p.15)

A dança de salão age como um agente de integração dos indivíduos na sociedade, tornando-os membros da mesma e auxiliando na recuperação da auto-estima.

AMORIN (1992, p.17) em seu trabalho sobre a dança de salão como meio auxiliar na recuperação da auto-estima do idoso, concluiu que os idosos que

praticam a dança de salão tem uma melhor auto-estima do que os idosos não praticantes. A dança de salão age como atividade integradora dos idosos na sociedade, tornando-os membros da mesma.

Segundo GIFFONI (1973, p.16) a dança oferece a oportunidade para o início ou estreitamento de amizades, amplia o círculo de relacionamento, facilita a formação de grupos de mentalidade homogênea, desenvolve o intercâmbio social e o espírito de crítica.

GROSSE (citado por GIFFONI, 1973, p.16) diz que: “enquanto dançam as pessoas estão num estado de unificação social completa, o grupo que dança sente e atua como um organismo único”.

2.1.5.VALOR CULTURAL

Segundo GIFFONI (1973, p.16) culturalmente a dança transmite idéias e costumes de uma geração a outra, sobretudo nas formas folclóricas.

Através de dança de salão pode-se adquirir conhecimentos sobre alguns tipos de dança, bem como sua origem e costumes da região de onde é originária.

“... as danças sociais, exigindo do dançarino, além de execução satisfatória, estar à altura de manter uma palestra agradável, e desenvolvem no executante capacidades intelectuais as mais diversas”. (GIFFONI, 1973, p.17)

2.1.6.VALOR RECREATIVO

Para FORNICIARI (citado por UFLACKER e outros, 1988, p.19) “a dança de salão produz efeitos físicos, morais e educativos. Corrige posições defeituosas, oferece alegria e boa disposição [...] Distrai das preocupações laboriosas, contribui para a agilidade, robustez e é de utilidade recreativa e social,

concorrendo também como elemento de educação social”.

A dança de salão pode ser realizada nas horas de lazer, livre dos afazeres diários, sem possuir um compromisso, onde cada indivíduo dança como sabe e da forma que mais lhe agrada, contribuindo para a auto-estima do indivíduo.

Segundo GIFFONI (1973, p.18) a dança não serve somente para divertir ou distrair. Ela está intimamente relacionada ao sentido etimológico do termo recrear, que significa “criar de novo, revigorar, retemperar”. A dança tem capacidade de dar novas forças ao executante, que embora cansados não deixam de executá-la, além de aliviar as tensões, restaurar o equilíbrio emocional e proporcionar prazer.

Segundo SILVA (1992, p.31) em seu trabalho sobre razões que levam o idoso a praticar atividades físicas, concluiu que existem dois motivos que levam o idoso a prática da atividade física. O primeiro deles é a saúde e o segundo motivo (mais destacado) é o lazer, onde traz momentos de distração, ânimo de espírito, manifestando o convívio social.

2.1.7.VALOR TERAPÊUTICO DA DANÇA E DA MÚSICA

AMORIN (1992, p.17) em seu trabalho sobre a dança de salão como meio auxiliar na recuperação da auto-estima do idoso, concluiu que com o envelhecimento o indivíduo sofre alterações fisiológicas, psicológicas e sociais, sendo a auto-estima um dos fatores mais afetados. A dança de salão age como atividade integradora dos idosos na sociedade, resgatando com isto a auto-estima dos idosos.

“A auto confiança adquirida através da dança, contribui poderosamente para a formação da personalidade do indivíduo”.(GIFFONI, 1973, p.19)

BECKER JR. E CAUDURO (1986, p.22) afirmam que: “o movimento além

de expressar inúmeros sentimentos, alguns dos quais dificilmente apareceriam de outra forma, pois são barrados na consciência pelo mecanismo de defesa do ego chamado repressão, promove uma redução acentuada do nível de ansiedade e eleva a auto-estima do ser humano”.

A dança oportuniza a externalização de sentimentos, tensões nervosas, enfim, a expressão de tudo o que possa estar acontecendo com o ser naquele momento.

Segundo relato concedido através de entrevista PAU (1994) afirma que a dança de salão possui um valor terapêutico maravilhoso pois auxilia na reabilitação do portador de deficiência visual, além de contribuir para o desenvolvimento bio-psicomotor do ser humano. Pelo fato da dança ser algo estimulante, ela beneficia no resgate da auto-confiança, ajuda na socialização e resgata os valores de quem a pratica, portanto a dança de salão é uma atividade completa e essencial, desde que o executante goste do que está fazendo, pois executar movimentos sem motivação é muito mais cansativo do que fazer exercício com interesse.

A música é algo contagiante, pois as pessoas dificilmente ficam imóveis ao ouvi-la.

KERN (citado por NOGUEIRA, 1992, p.15) afirma que “talvez mais do que nunca é a música que leva as pessoas a dançar”. A música pode ser um agente estimulante que faz com que as pessoas movimentem-se de forma prazerosa, fazendo com que a dança dispense dela por ser instrumento de relação direta para o movimento.

DOMAKOSKI (citado por NOGUEIRA, 1992, p.15) diz que “a música é um dos melhores recursos ergogênicos para a execução de um movimento, reforçando um estímulo que leva os indivíduos a movimentar-se com mais energia”.

Segundo FUX (1983, p.51) o efeito da música sobre o corpo é o de

sensibilizá-lo, onde pode-se executar melhor, movendo-se, porém nossa cultura e nossos medos, fazem com que não nos movamos mesmo que a música nos penetre, mesmo que sintamos que nosso corpo se move.

“Trataremos de entrar na música como se comêssemos, sensibilizemos nosso corpo, pois só assim a música será uma coisa viva e não se produzirá unicamente no receptáculo auditivo senão que penetrará em nossa totalidade. Tudo isto - que parece tão difícil - o é na mesma medida do viver, mas vivamos com a música em movimento”. (FUX, 1983, p.56)

2.2.TIPOS DE DANÇA

Existem diversos ritmos existentes no mundo, onde cada um retrata as tradições e costumes de onde é originária. Abordaremos alguns ritmos que provavelmente são mais executados em Curitiba, verificando algumas divergências entre autores com relação a origem, à época e local do surgimento de cada dança.

Através do relato concedido em entrevista por DOMAKOSKI (1994), serão abordados alguns ritmos verificando-se suas formas de execução.

2.2.1.DANÇAS LATINAS

a) Mambo:

Segundo FORNACIARI (1966, p.170) o mambo “é uma dança de origem selvagem que foi criada por Damasco Perez Prado, onde na banda de La Plaza (1943) o mesmo adicionou os enrugados e branidos ao tempo formal e básico da rumba a qual ele decidiu chamar de mambo. Em 1948, o mambo chega ao México, e por volta de 1966, se espalha por toda a América”.

Para DOMAKOSKI (1994) o mambo bem como os outros ritmos latinos são alegres e contagiantes. Os pares dançam normalmente juntos, mas as figurações são todas permitidas como giros, evoluções sob os braços, giros soltos, etc. Os ritmos latinos apresentam as danças de forma descontraída com bastante movimentos do quadril tanto do homem quanto da mulher e as pernas se movimentam de maneira rápida com passos curtos.

b)Rumba:

Segundo GIFFONI(1974, p.44), a rumba é proveniente de Cuba(ritmo binário), sendo uma canção dançada de origem africana, que no Brasil foi bem aceita, em compasso quaternário.

Para FORNACIARI(1966, p.114), a rumba tem qualquer coisa do samba brasileiro, e pode ser originária de Cuba ou de qualquer outro país da América.

c)Cha-cha-cha:

Segundo FORNACIARI(1966, p.182), o cha-cha-cha compara-se com o mambo e a rumba, e também acredita-se que possui algo em comum com o samba brasileiro, pela graça dos movimentos.

Para GIFFONI(1974, p.39), o cha-cha-cha foi uma versão da rumba e como esta é proveniente de Cuba.

2.2.2.DANÇAS TRADICIONAIS

a)Bolero:

Com relação a origem do bolero pode-se observar que existe uma contradição como é possível verificar no livro de GIFFONI(1974, p.27) onde a mesma em determinado momento diz que este é de origem espanhola proveniente

da Seguidilha, em compasso ternário; e em outro afirma que o bolero é cubano e executado num ritmo dolente, em compasso binário.

Para FURNACIARI(1966, p.128) o bolero é de origem espanhola, principalmente da região da Andaluzia, e teve uma grande valorização através da composição de Ravel. Seus movimentos tinham muita semelhança com os da rumba.

Segundo DOMAKOSKI(1994), o bolero é uma dança que apresenta um ritmo lento, romântico onde os pares devem usar uma certa elegância e postura. Os passos são mais compassados e suaves, não havendo muita preocupação com diferentes variações.

b)Valsa:

Segundo GIFFONI(1974, p.35), a valsa de origem alemã ou de procedência francesa, por volta de 1830 entrou no Brasil, sendo muito executada durante o primeiro e segundo Império, também em compasso ternário.

Para FURNACIARI(1966, p.90), há divergências sobre a origem da valsa, pois uns dizem que a mesma surgiu na Alemanha e outros na Suíça.

Um artigo da revista CAPRICHOS(1992, p.33), aborda que a valsa surgiu no século XVII, na época considerada maldita, pois as pessoas nunca haviam dançado tão perto. No século XX passou a ser dançada pelos noivos.

Para DOMAKOSKI(1994), a valsa é um tipo de dança mais aristocrática, onde a postura e elegância são imprescindíveis. Apresenta movimentos leves e flutuantes onde os pares raramente se separam.

c)Tango:

Segundo FURNACIARI(1966, p.145), o tango teve sua origem na Argentina, sendo levado à Europa, principalmente à França, onde recebeu muitas

críticas por ser uma dança imoral, sofrendo com isso ataques pelo Papa Pio X que recomendou substituir o tango pela *Furlana* (dança do Papa).

GIFFONI(1974, p.44), afirma que o tango “é de origem africana, e acredita ter sido introduzido na América espanhola por escravos [..]. Logo após retornou à Europa, sendo burilado em Paris. De volta à América, adaptou-se na Argentina que foi denominado tango-argentino”.

O tango segundo DOMAKOSKI(1994), é uma dança sensual, altamente expressiva, com movimentos ousados muito cadenciados. A elegância é um fator que deve estar sempre presente. O homem normalmente expressa uma situação de machismo, conduzindo a dama com bastante determinação. As figurações são muito frequentes sendo que, na maioria das vezes suas variações são determinadas por diferentes movimentos de pernas.

d)Samba:

Segundo GIFFONI(1974, p.35) o samba de origem africana, em seu início era dançado em roda, igual ao batuque. No Brasil tomou forma urbana em 1917, substituindo o maxixe. Dominou os salões brasileiros por longo tempo e a sua presença continua a ser notada sob a forma de samba-choro, samba-canção ou samba-valsas.

FORNACIARI(1966, p.55) diz que o samba “é um ritmo tropical, cuja dança é elegante sem apresentar passos complicados”.

Para DOMAKOSKI(1994), os ritmos brasileiros, entre eles o samba, são alegres e contagiantes executados de maneira bastante descontraída com movimentação do corpo inteiro principalmente das pernas e quadris. As evoluções recebem maior ênfase do que a elegância e postura.

2.2.3.DANÇAS GAUCHESCAS

a) Vaneirão:

Segundo GUARACY (citado por MORALLES, 1992, p.27), o vaneirão nasceu na ilha de Cuba, em Havana, onde foi levado para a Europa e de lá veio para o Brasil.

No Rio Grande do Sul, o vaneirão adquiriu uma grande popularidade principalmente nos últimos decênios do século passado.

Para DOMAKOSKI(1994), os ritmos gauchescos são muito marcados sendo que cada um possui passos característicos que, mesmo com a improvisação dos pares, devem ser mantidos. Nos bailes gauchescos raramente se observa pessoas sentadas, geralmente todos dançam o tempo todo.

b) Chote:

Segundo GIFFONI(1974, p.28), o chote cujo nome original é **Schottisch**, parece provir da Europa Central.

Para GUARACY (citado por MORALLES, 1992, p.28) os imigrantes alemães que aqui chegaram trouxeram em sua bagagem cultural gêneros musicais dos quais se destaca o chote. Ao chegar no Brasil, o chote tornou-se conhecido no Nordeste e no Rio Grande de Sul.

No Rio Grande do Sul, o chote cadenciou-se de modo bem marcado, de forma que o mesmo permitia aos gaúchos dar vazão à sua totalidade.

O chote é dançado em três passos de marcha suspendendo-se o quarto passo no ar ou marcando o tempo sem dar o quarto passo, tanto para a marcação como para os giros é usado sempre o mesmo passo.

c) Rancheira:

Segundo GUARACY (citado por MORALLES, 1992, p.27), a rancheira é dançada de forma valseada ou mais marcada. Derivada do sul da Argentina, foi

bastante difundida no Rio Grande do Sul.

2.2.4.DANÇAS POPULARES DA ÉPOCA

a)Samba reggae:

Segundo artigo publicado na revista CAPRICHOS (1992, p.34), o reggae teve início por volta de 1962, na Jamaica, a partir de uma banda chamada **The Wailing Wailers** da qual saíram três grandes artistas: Bob Marley, Peter Tosh e Bunny Livingstone.

A partir da década de 70, começou a ser divulgado para o mundo inteiro através de Bob Marley, onde o mesmo exportava músicas de boa qualidade, contendo mensagens de paz como as bandeiras do movimento hippie.

Para DOMAKOSKI (1994), o samba reggae como o nome está dizendo, “é uma mistura de ritmos e movimentos brasileiros, latinos e jamaicanos”. É uma dança basicamente realizada em grupos onde é muito comum uma pessoa improvisar, sendo imitada pelos outros membros do grupo. Usa-se muito movimentos de pernas e viradas de corpo de um lado para o outro acompanhados por movimentos sincronizados de braços.

b)Lambada:

Segundo GLABATTARI (citado por MOUSSA, 1993, p.23), a lambada teve início em Porto Seguro, na Bahia, sendo na época considerada ridícula.

Um turista francês ao ter visto a dança em Porto Seguro, desenvolveu a idéia de um casal dançando num comercial de suco de laranja francês, levando-a à Europa, e em 1988 retorna para o Brasil onde espalhou-se para o mundo inteiro.

Segundo revista de bordo da Varig (citado por MORALLES, 1992, p.04), a lambada encontrou sucesso nacional em 1987, com a popularização operada pelos artistas baianos Gerônimo, Luiz Caldas, Banda Mel e Chiclete com

Banana, e pela criação de lambaterias no sul do Brasil.

A lambada desde 1977 já era dançada nos salões de Salvador, pois desde o início dos anos 80 os músicos citados passaram a compor lambadas.

c)Rock:

Para MUNDY (1980 citado por MOUSSA, 1993, p.19), o rock teve sua época de glória nas décadas de 50 e 60 e era apreciado não somente pela juventude norte-americana como a nível internacional.

A atmosfera era propícia ao chamados playboys com seus cadillacs, calças justas, jaquetas de couro e muita brilhantina.

Já FORNACIARI (1966, p.227), diz que o rock enfrentou a oposição dos adultos assim que surgiu, sendo caracterizado como uma dança ousada, de ritmo selvagem.

Segundo DOMAKOSKI (1994), o rock originário dos anos 60, foi inicialmente lançado como uma dança popular realizada em grupos. Logo os pares aderiram criando evoluções de todos os tipos incluindo até movimentos acrobáticos. Desde então, até agora é um ritmo que marca a alegria e a maneira descontraída de viver da juventude.

2.3.O DEFICIENTE VISUAL

2.3.1.HISTÓRICO

Na história da sociedade do passado, ao portador de qualquer tipo de deficiência não era dado o direito, nem condições do mesmo contribuir com seu trabalho de forma que ele se tornasse um membro ativo e participante na sociedade.

Segundo CARMO (1992, p.64), os considerados *diferentes* tinham dois tratamentos. Em algumas tribos eram eliminados devido ao caráter nomade pois possuir uma pessoa fraca dentro da tribo colocava em risco não apenas o *diferente*, mas os demais membros da tribo; e em outros momentos o *diferente* era contemplado, pois as tribos assim o faziam por acreditarem que esta pessoa tinha ligação com os deuses, ou com os demônios e que deveriam ser tratadas bem pois, caso contrário o mal recairia sobre elas.

Os judeus, não permitiam que um portador de deficiência ocupasse uma posição nobre.

Já na Idade Média os indivíduos cegos eram considerados como diferentes, por não apresentarem as características de um homem normal, feitos à imagem e semelhança do criador.

A França foi o primeiro país a oferecer ajuda aos cegos criando a sociedade dos Cegos Trabalhadores.

No Brasil, a preocupação com a educação das pessoas portadoras de deficiência ocorreu no período regencial.

COGNATO (1992, p.08) em seu trabalho sobre as atividades aquáticas contribuindo para a integração social do portador de deficiência visual, afirma que no Brasil os portadores de deficiência foram citados na Constituição Federal de 1969, no artigo 153. Em 1975, a ONU (Organização das Nações Unidas) publicou a Declaração dos Direitos do Deficiente Visual. Foi em 1981 com a Declaração do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, pela ONU, que as autoridades, população e entidades começaram a preocupar-se com a integração do portador e a utilização do esporte como meio. A partir deste momento surgiram várias instituições assistenciais para estimular a prática esportiva.

“Os cegos foram sempre um grupo favorecido, em comparação com outras categorias de deficientes. Tem-lhes sido frequentemente concedidos direitos e privilégios especiais. Embora, por vezes a cegueira, tal como outras incapacidades, fosse considerada uma maldição dos deuses, os

cegos foram, mais geralmente, reverenciados como videntes, profetas ou adivinhos”. (TELFORD e SAWREY, 1978, p.363)

2.3.2.A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO PRECOCE

De acordo com LE BOULCH (citado por RODOVALHO, 1990, p. 20):

as etapas do desenvolvimento da criança tem uma base genética evidente, mas as potencialidades inatas só se desenvolvem na medida em que o recém-nascido encontra um meio favorável. O meio no qual crescerá a criança está feito de estímulos de natureza física e principalmente da presença humana carinhosa que cria as condições psico-afetivas indispensáveis ao desenvolvimento geral da criança a curto ou longo prazo.

Para que a criança desenvolva-se de forma global e de maneira harmônica é necessário que a influência do meio ambiente aja sobre ela de maneira positiva, e que as pessoas que estão em contato com esta criança busquem compreender e entender suas necessidades físicas, psicológicas e sociais.

“A deficiência não deve ser considerada como um fator que restringe e limita certas reações humanas, mas que não impede a realização de atividades, o que garante ao deficiente da visão sua independência e auto-realização como elemento participativo da sociedade”.(MOREIRA, 1986, citado por COGNATO, 1992 p.12)

Segundo REGEN (1987, p.07), “estimular a criança significa proporcionar a ela experiências em vários níveis, que permitam prevenir e/ou minorar déficits e auxiliá-la no desenvolvimento de suas capacidades nos primeiros anos de vida”.

A criança deficiente visual passa por fases semelhantes no desenvolvimento das áreas motoras, sensorial, cognitiva, social e afetiva, como a criança vidente. Ao defrontar-se com o mundo que o cerca, ela estará identificando-se, situando-se no espaço. Ela passa aos conhecimentos, às

idéias, onde utiliza suas experiências e destas, ela passa às representações e aplicações dos conhecimentos adquiridos em suas ações.

A educação precoce para o portador de deficiência visual tem como objetivo o desenvolvimento psicomotor e a percepção sensorial, da forma que promovendo a estimulação a criança irá aproximar-se dos padrões normais de desenvolvimento.

Para COGNATO (1992, p.16) o desenvolvimento das sensações é importantíssimo para o portador de deficiência visual, não só como forma de compreensão, mas também de segurança; deste modo os mesmos precisam vivenciar experiências, através do som, toque, cheiro e gosto.

Segundo CHESS e HASSIBI (1982, p. 36) “a percepção auditiva é a habilidade para selecionar e organizar estímulos auditivos pertinentes”. Se faz necessário ensinar a criança ouvir para que se desenvolva a sensibilidade e a habilidade de distinguir sons. É importante nominar tudo o que a pessoa portadora de deficiência visual ouve, toca e cheira uma vez que a mesma não vê o que a palavra se refere. Deve-se dar orientação no sentido de localizar o som, que pode ser feito com a utilização de brinquedos e objetos sonoros.

Para ROCHA e GONÇALVES (1987, p. 217) , a primeira percepção que o recém-nascido tem do mundo é a percepção tátil, pois é através desse sentido que ele entra em contato com o mundo extra uterino, desde o escorregar pelas paredes do útero até ser amparado pelas mãos que o acolhem.

Devido a ausência da visão, o tato é o meio pelo qual a pessoa portadora de deficiência visual entra em contato com o ambiente, sentindo com isto a textura, formas, tamanhos, pesos, resistência e temperatura dos objetos que entram em contato com ela.

A estimulação dos sentidos porerá auxiliar no desenvolvimento das áreas

motoras, cognitiva e social.

2.3.3.A FAMÍLIA

Segundo RODOVALHO (1990, p.24) os pais ao receberem a notícia de que seu filho é um portador de deficiência visual, tendem a apresentar determinados tipos de comportamentos e atitudes que com certeza, complicam mais ainda a situação familiar frente ao problema da deficiência. Muitas vezes através da superproteção os pais acabam fazendo com que a criança não tenha acesso a muitas coisas, ou seja, tudo vem a ela sem que a mesma saiba a origem das coisas, tudo o que acontece ao redor da criança passa-se como situações abaixo do seu limiar de captação e elaboração, fazendo com que ela tenha a tendência a fechar-se cada vez mais em seu mundo não fazendo relação do seu *eu* com o meio ambiente. Os pais tendem a diminuir seu sentimento de culpa realizando tudo o que seu filho pede, com isso eles acabam privando seu filho de qualquer chance de desenvolvimento físico, mental e emocional.

Segundo ROCHA e GONÇALVES (1987, p.211) “o que é aceito pela sociedade, é ter um filho forte, saudável, normal, sem deficiência de espécie alguma”. Quando a mãe se depara com a deficiência à sua frente, se sente pressionada e sem perceber a gravidade de sua atitude, rejeita o filho.

“Apesar de, durante anos, terem sido os pais estimulados a entregarem seus filhos a educadores e instituições especializadas, eles devem ser alertados de que a escola sozinha não é capaz de preparar a criança para a vida. Urge um esforço conjunto, buscando o desenvolvimento de sua capacidade de aprendizagem e autonomia”. (ROCHA e GONÇALVES, 1987, p.213)

A família deve ter consciência que ela representa um papel de fundamental importância no programa de estimulação precoce bem como no processo educacional, portanto a mesma deve dar oportunidades para a criança, com isto ela estará auxiliando para o desenvolvimento das capacidades motoras e também estará ajudando seu filho a reconhecer-se como uma pessoa capaz de realizar tudo o que vem ao seu redor.

2.3.4. DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL

O documento básico do SEE. RJ / EDE / ECESP-1986, (citado por ROSADAS, 1989, p.53) define a deficiência visual de duas formas: cego e portador de visão subnormal. Sendo que cego, “é o indivíduo que apresenta perda total ou residual mínima de visão”. Apresenta como forma de comunicação escrita, o método braile como forma de leitura e equipamentos especiais. E portador de visão subnormal, “é o indivíduo que apresenta resíduo visual em grau que lhe permita ler impresso à tinta, desde que se empreguem recursos didáticos e equipamentos especiais para sua educação”. Seu limite visual é de 6/60 (onde 6m significa o que o portador de deficiência visual consegue ver, enquanto 60m seria o que um indivíduo normal enxergaria) e seu campo visual é reduzido de 10 a 20 vezes.

NABEIRO (1992, p.99) afirma que “para a classificação da deficiência visual usa-se o resíduo visual, tanto a acuidade visual a distância como o campo visual”. Existem três tipos de classificação: educacional, clínica e esportiva.

Educacional: sua classificação é feita baseada na habilidade de ler impresso e é dividida em: cegueira total e visão parcial.

Cegueira total: o portador deste tipo de deficiência visual não apresenta

percepção luminosa alguma, apresentando perda completa da visão. Utiliza-se do método braile para sua comunicação escrita.

Visão parcial: é o indivíduo que consegue ler livros com impressão grande ou com auxílio de equipamentos para ampliação de um texto normal.

Clínica: sua classificação é baseada na perda da visão após correção clínica (Snellen) e é dividida em: cegueira legal, visão de percurso, percepção de movimento, percepção de luz, cegueira total.

Cegueira legal: representa a acuidade visual de 20/200 ou menor no olho com correção, seu campo visual não é maior que 20 graus. A expressão 20/200 esta em pés o que corresponde a 6/60.

Visão de percurso: representa a acuidade visual de 5/200 até 10/200.

Percepção de movimento: representa a acuidade visual de 3/200 até 5/200.

Percepção de luz: capacidade de distinguir uma luz forte na distância de 1m, porém não é capaz de detectar o movimento de uma mão a 1m.

Cegueira total: ao contrário da percepção de luz o indivíduo não tem a capacidade de perceber uma luz forte na direção de seus olhos.

Esportiva: é a classificação para competição e é dividida em: B₁, B₂ e B₃.

B₁- corresponde-se desde a inexistência da luz até a percepção luminosa em ambos os olhos, porém não reconhece a forma de uma mão a qualquer distância ou direção.

B₂- possui a capacidade para reconhecer a forma de uma mão, até a acuidade visual de 2/60, com um campo visual inferior a 5 graus.

B₃- desde a acuidade visual superior a 2/60 até 6/60, com um campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

Para **American Foundation for the Blind**, (1961 citado por TELFORD

e SAWREY, 1978, p.363) a cegueira para fins legais e administrativos é usualmente definida como:

“Acuidade visual de 6/60 ou menos no melhor olho com a correção apropriada, ou uma limitação tal nos campos de visão que o maior diâmetro do campo visual subentende uma distância angular não superior a 20 graus”.

Com relação as definições médicas ou legais a cegueira em termos quantitativos é definida por ASHCROFT (citado por TELFORD e SAWREY, 1978, p.364) como “acuidade visual entre 6/20 e no melhor olho, após correção máxima”.

Com relação a cegueira educacional a mesma é definida segundo TELFORD e SAWREY (1978, p. 364) como “educacionalmente cegas aquelas pessoas cuja visão é tão defeituosa que elas não podem ser educadas através da visão”.

2.3.5.CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL

Segundo NABEIRO (1992, p.100) as causas da deficiência visual podem ser congênitas ou adquiridas.

Congênitas através de:

- infecções neonatais,
- infecções transplacentárias;
- erro inato de metabolismo;
- malformações embrionárias;
- enfermidades oculares produzidas durante o período pré-natal.

Adquiridas através de:

- anomalias no desenvolvimento;
- traumas;

- tumores;
- catarata(geralmente ocorre em pessoas de idade);
- deslocamento da retina;
- diabete;
- infecções durante o parto;
- rubéola materna;
- fibroplasia retrolenticular (principal causa de cegueira em recém-nascidos prematuros, devido ao fato de o prematuro frequentemente desenvolver sofrimento respiratório- oxigenotrapia- com isto ocorre um crescimento vascular para dentro do humor víteo que é chamado de fibrose)
- glaucoma (pressão extrema na parte interna dos olhos)
- acidentes.

2.3.6.DEFASAGENS DENTRO DA ÁREA MOTORA, COGNITIVA E SÓCIO-AFETIVA

Segundo NABEIRO (1992, p.100) e CONDE (1990, p.90),existem algumas defasagens dentro da área motora, cognitiva e sócio-afetiva , que são elas:

Área motora:

- falta de relaxamento devido a insegurança que o mesmo apresenta em locomover-se;
- problemas de equilíbrio, lateralidade, esquema corporal;
- falta de coordenação geral;
- postura defeituosa (atitude hipercifótica);
- locomoção insegura devido a defasagem da orientação espaço

temporal;

- movimentos estereotipados;
- dificuldade na dissociação de movimentos.

Área cognitiva:

- falta de formação de conceitos devido ao fato da criança portadora de deficiência visual interagir fisicamente com o meio de forma precária, com isto menos ela irá experimentar situações de aprendizagem.

Área sócio-afetiva:

- rejeição dada pela família ou pelo próprio cego (como no caso de uma pessoa normal que através de um acidente venha perder a visão);
- dependência;
- super-proteção muitas vezes causada pela família;
- falta de auto-confiança.

3.0.DANÇA DE SALÃO COMO MEIO DE ATIVIDADE PARA O DEFICIENTE VISUAL

Segundo COGNATO (1992, p. 18) a noção que o portador de deficiência visual terá a respeito do seu corpo, do mundo que o cerca, será uma imagem distorcida, incompleta e quebrada, portanto desde criança se faz necessário que o portador de deficiência visual tenha o maior número possível de experiências táteis, olfativas, gustativas e que explore tudo através do andar, com isto irá aumentar sua noção espaço-temporal, seu domínio sobre o próprio corpo, seu equilíbrio.

CARMO (1990, p.92) mostra que a educação física tem um importante papel, na vida do portador de deficiência visual, pois ao levar a criança ao conhecimento e domínio do seu corpo ela poderá embasar e favorecer a

evolução dessa criança enfocando também aspectos como sentimento de mais valia, o prazer de poder fazer. A educação física cumpriria sua função de importante elemento facilitador no caminhar da criança cega rumo à sua emancipação social, possibilitando-lhe condições básicas que capacitassem futuramente a superear barreiras que certamente aparecerão.

Segundo MORALLES (1992, p.03) “uma das mais belas e fascinantes formas de movimento é a dança; onde a mesma está inserida nas vidas através do folclore, do lazer, do esporte, do trabalho, etc”.

“ Além de conseguir por ela o aperfeiçoamento das qualidades físicas e funções correlatas, obtêm-se pela dança o desenvolvimento de atributos sociais e morais. Desse modo, sua contribuição é preciosa e, por certos aspectos insubstituível, pois concorrem para o aperfeiçoamento integral do ser humano”. (GIFFONI, 1973, p.13)

Através de depoimento PAU (1994) afirma que a contribuição que a dança traz para os portadores de deficiência visual “é algo maravilhoso, pois através da dança os cegos resgatam os seus valores e adquirem auto-confiança”. É uma atividade benéfica, estimulante e terapêutica como a mesma pode observar em uma festa junina realizada no Instituto Paranaense dos Cegos, onde adolescentes e idosos a surpreenderam ao dançar chote, vaneirão e outros ritmos gauchescos.

“A expressão e a criação no nível do corpo são próprias do ser humano, qualquer que seja seu estágio cultural, ou qualquer que seja, sua condição física. A necessidade de mover-se é parte da pessoa e quanto mais seja ajudada a expressar-se, mais benefícios obterá para o resto de suas atividades em sua vida privada ou social”.(FUX, 1973, p.97)

A música segundo PAU (1994) “é algo fundamental, agradável que irá apresentar uma grande influência bio-psíquica no homem.

ALMEIDA (citado por NOGUEIRA, 1992, p.15), cita algumas influências da música onde a mesma irá provocar o sistema nervoso, excitar ou relaxar estados mórbidos latentes no indivíduo, através do seu ritmo, fazer o indivíduo sentir em seu organismo, alterações de caráter fisiológico.

“Nas aulas de dança se adquire a música através do corpo: pode-se escutar melhor movendo-se. A apreciação musical, de acordo com minha experiência nunca deveria ser estática”.(FUX, 1983, p.51)

Para se trabalhar com a dança de salão com portadores de deficiência visual é necessário conhecer a história do indivíduo que está praticando a atividade e verificar se o mesmo já nasceu com a deficiência ou adquiriu com decorrer da sua vida; pois como pressupõe PAU (1994) a atividade dança de salão ficará mais fácil para o indivíduo que ficou cego no decorrer da sua vida, pois este já teve um conhecimento visual de como é a dança de salão, além de já haver sido trabalhado seus valores morais de forma normal. O indivíduo que nunca enxergou já apresentará maiores dificuldades, pois muitas vezes (devido a uma ausência de estimulação precoce) ele não possui conhecimento do seu corpo e do que ele é capaz, realiza movimentos tensos, além de muitas vezes não possuir uma educação motora que venha desenvolver as valências necessárias para a execução da dança.

Segundo PAU (1994) o primeiro passo que deve ser dado para a prática da dança de salão para pessoas portadoras de deficiência visual está relacionado com o lado afetivo, onde a partir do momento em que se adquire confiança no professor tudo irá se desenvolver de forma mais simples.

ROSADAS (1989, p.55) afirma que “o contato afetivo social entre pessoas cegas e videntes é necessário para beneficiar ao cego o perfeito equilíbrio biopsicossocial”.

Segundo DOYLE (1981, citado por OSIECKI, 1988, p. 01) a

Universidade do Arizona oferta dentro da educação física uma turma semestral de dança, onde participam deficientes visuais e indivíduos sem deficiência. Através disto é possível observar que para o cego é muito importante participar de exercícios sem adaptações, pois quanto mais se adapta um exercício ao deficiente visual mais desconforto ele sente.

4.0. CONCLUSÃO

Embora pouco ou quase nada se encontre sobre a atividade física dança de salão, pode-se perceber que a mesma trás grandes benefícios físicos, mentais, sociais, culturais, recreativo, morais e terapêuticos.

Por ser uma atividade que promove a integração social, a dança de salão faz com que o portador de deficiência visual conheça um pouco mais do mundo que o cerca, além de ser uma atividade estimulante e prazerosa na qual existe um contato entre duas pessoas, havendo com isto uma maior segurança para quem a pratica, fazendo desta forma que o portador de deficiência visual sinta-se mais confiante e com isto solte-se um pouco mais, tornando a atividade física dança de salão algo agradável onde quem a executa sente-se capaz e com isto resgata a sua auto-estima e também desenvolve suas capacidades motoras.

Essas capacidades motoras podem e devem ser desenvolvidas desde criança, portanto a família deve ter consciência que ela representa um papel de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, onde a mesma deve dar oportunidades para a criança pois com isto ela não só estará auxiliando para o desenvolvimento das capacidades, como também estará ajudando seu filho a reconhecer-se como uma pessoa capaz de realizar tudo o que vem a seu encontro.

A dança de salão não é uma atividade impossível de ser trabalhada com deficientes visuais, porém ela requer profissionais realmente interessados que tenham consciência da importância deste trabalho, da individualidade de cada pessoa e da história do portador de deficiência, não exigindo do mesmo que este venha a realizar coisas que estejam fora do seu alcance tanto visual como corporal; deve se necessário partir do básico como pular, saltar, girar e etc.

É importante que os cursos de educação física forneçam aos seus acadêmicos em todas as disciplinas práticas do curso ao menos uma ou duas aulas para fazer uma relação da disciplina com as deficiências, pois com isto irá surgir um interesse maior por parte dos acadêmicos e trará grandes benefícios não só para os portadores de deficiência mas também para a sociedade que poderá ver que o portador de deficiência é um ser capaz.

A educação física e a dança poderão de alguma forma auxiliar o indivíduo portador de deficiência visual a ter uma formação corporal globalizada. Conhecendo o corpo é possível conhecer suas limitações e a educação física proporciona este conhecimento e a dança tráz benefícios e um sentimento de capacidade; ou seja, auto-realização.

Espera-se que este estudo desperte o interesse de pessoas que trabalham com deficientes visuais e que ainda não tenham desenvolvido este tipo de atividade, colocando em pratica as recomendações que serão citadas neste pequeno embasamento científico.

5.0.RECOMENDAÇÕES

Como recomendação sugere-se que a dança de salão faça parte integrante de atividade física para o deficiente visual para o que recomenda-se primeiramente que o local onde será executado a atividade seja calmo e tranquilo, uma vez que os cegos orientam-se pelo ouvido. O salão não deve apresentar obstáculos tais como: cadeiras, colunas e etc; antes de executar a atividade deve-se apresentar a sala e recomenda-se que as turmas tenham no máximo dois casais para que se possa dar a devida atenção à todos.

Ao iniciarmos a atividade primeiramente deve-se apresentar a dança que será trabalhada abordando um pouco sobre seu histórico e costumes da região de onde é originária, trabalhando assim o lado educacional.

Após esta introdução deve-se iniciar o aquecimento que segundo WEINECK (1991, p. 434) serve para a preparação de um estado psico-físico e coordenativo-cinestésico ideal, assim como à profilaxia de lesões. O aquecimento dentro de uma aula de dança de salão, pode ser realizado com diferentes ritmos fazendo com que a pessoa portadora de deficiência comece a se movimentar de forma descontraída.

Logo após juntamente com o auxílio do professor o portador de deficiência irá tomar um conhecimento sobre seu corpo e do que ele é capaz de fazer; ou seja, professor e aluno irão realizar movimentos que envolvam determinadas partes do corpo onde um esteja em contato com o outro, onde exista uma participação direta do professor na atividade, ou seja, corpo a corpo.

Desenvolvida esta etapa o portador de deficiência deve sentir o movimento através da percepção do seu corpo, ou seja, propriopercepção onde neste momento ele sozinho irá executar seus movimentos dentro das

suas individualidades e potencialidades.

Após trabalhado estas etapas finalmente deve haver um contato entr duas pessoas com o mesmo objetivo: dançar determinado ritmo. Neste momento o portador de deficiência visual sentirá que ele é capaz de dançar até mesmo com uma pessoa vidente podendo tornar- se assim a atividade dança de salão uma terapia maravilhosa onde irá resgatar o que viveram e também a sua auto-estima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIN, Simone Cortiano. **A dança de salão como meio auxiliar na recuperação da auto-estima do idoso**. Curitiba, 1992. Monografia (Graduação em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- BECKER, Jr.; CAUDURO, M.T. A influência da música e da dança sobre o nível de ansiedade de universitários. **Comunidade esportiva**, São Paulo, n.40, p.22-24, JUN. 1986.
- BILLIO, Simei Ribeiro et al. Motivação de dança. **Artus**, Rio de Janeiro, n.07, p.14-17, JUL. 1980.
- CAPRICHIO, Alegria., Alegria. n.10, São Paulo: Abril. out. 1992.
- CARMO, Apolonio Abadio do. Deficiência física: Recuperação e discriminação. In: IV SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA (1992: São Paulo). **Anais...**São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992. p.63-68.
- CHESS, Stella; HASSIBI, Mahin. **Princípios e práticas da psiquiatria infantil**. Tradução: Ruth Cabral. P.A: Artes Médicas, 1982.
- COGNATO, Euza Virginia. **As atividades aquáticas contribuindo para a integração social do portador de deficiência visual**. Curitiba, 1992. Monografia (Graduação em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná.
- CONDE, Antonio João Menescal. Atividades físicas adaptadas ao deficiente visual. In: III SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA. (1990: São Paulo). **Anais...**São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990. p.89-92.
- DOMAKOSKI, Vera Lúcia. **Entrevista concedida pela professora de Educação Física da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba, 30 jun, 1994.
- FORNACIARI, Gino. **Como aprender a dançar**. São Paulo: Cupolo Ltda, 1966.
- FUX, Maria. **Dança uma experiência de vida**. São Paulo: Summus, 1983.
- GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **Danças folclóricas brasileiras**. 3. ed. São Paulo:: Melhoramentos, 1973.
- GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **Danças da corte**. São Paulo; DED-MEC, 1974.
- MORALLES, Tânia Kruk. **Danças de salão nas escolas**. Curitiba, 1992. Monografia (Graduação em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- MOUSSA, Nádia Jarrouj. **Análise histórico-crítica das danças de salão**

- mais praticadas em Curitiba.** Curitiba, 1993. Monografia (Graduação em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- NABEIRO, Marli. Atividade física e o deficiente visual. In: IV SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA. (1992: São Paulo). **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992. p.99-102.
- NOGUEIRA, Valéria Aparecida. **A dança de salão como agente eficiente na melhoria da capacidade aeróbica ou consumo máximo de oxigênio- VO2 máx.** Curitiba, 1992. Monografia (Graduação em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- OSIECKI, Raul et al. **A dança a favor do deficiente visual. I Concurso de artigos científicos do departamento de Educação Física.** Curitiba, v.03, p.01-05.1988.
- OSSONA, Paulina. **A educação pela dança.** São Paulo: Summus, 1988.
- PAU, Lilian Biglia de. **Entrevista concedida pela professora do Instituto Paranaense dos Cegos.** Curitiba, 10 jun, 1994.
- REGEN, Mina. **Como trabalhar com bebês deficientes e sua família.** Mensagem da APAE- São Paulo, out a dez, 1987.
- ROCHA, Hilton; GONÇALVES, Elizabeto R. **Ensaio sobre a problemática da cegueira: Prevenção- recuperação- reabilitação.** Bahia: Fundação Hilton Rocha, 1987.
- RODOVALHO, Solange. **Deficiência visual: Uma abordagem educacional.** Uberlândia, 1990. Monografia (Graduação em Educação Física) - Centro de Ciências Biomédicas, Departamento de Educação Física e Esporte.
- ROSADAS, Sidney Carvalho. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente.** Eu posso. Vocês duvidam? Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1989.
- SILVA, Elizabeth Aparecida. **Razões que levam o idoso a praticar atividade física.** Curitiba, 1992. Monografia (Graduação em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- TELFORD, Charles W.; SAWREY, James M.. **O indivíduo excepcional.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- UFLACKER, Gisele B. et. al. **A dança social como alternativa de dança aeróbica.** Curitiba, 1988.
- WEINECK, J.. **Biologia do esporte.** São Paulo: Manole, 1991.
- WELLS, Renée. **O corpo se expressa e dança.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ferreira Alves, 1983.